

*O edifício do liceu da Póvoa do Varzim nas construções do Estado Novo*<sup>1</sup>

Rui Baptista

Aos dezoito dias do mês de Outubro de mil novecentos e cinquenta e dois foi consagrado o “auto de entrega e cessão do edifício do Liceu da Póvoa de Varzim”<sup>2</sup>. Ao acto solene, estiveram presentes individualidades representativas da Educação Nacional, da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário, o director das Finanças do distrito do Porto e o reitor do Liceu Dr. Virgílio Ribeiro Reis.

Se há ainda alguns homens que fazem e sabem fazer, poucos há que sonham e saibam sonhar.<sup>3</sup>

Duas pessoas foram importantes no início desta Instituição: o corregedor Francisco de Almada e Mendonça, porque construiu o seu espaço, a Câmara, e o Conselheiro Prof. Doutor Abel de Andrade, porque lhe deu a alma. O edifício faz parte da reforma urbanística encetada por D. Francisco de Almada e Mendonça, (no reinado de D<sup>a</sup>. Maria I), em 1790-91.

O Liceu da Póvoa de Varzim (Eça de Queirós) sucedeu à Escola Municipal Secundária, organizada em 1904, que por sua vez terá sido uma transformação do Instituto Municipal criado em 1885, tendo só em 1915 tomado o nome de Liceu de Eça de Queirós, conseguindo a sua emancipação económica relativamente à Câmara em 1919.<sup>4</sup>

O Liceu estava instalado numa antiga fábrica de gás no limite do concelho da Póvoa com o de Vila do Conde, antiga propriedade da Câmara que em 1931 fora doada ao Estado com uma verba de 20.000\$00 que a antiga Junta empregara na compra de terrenos vizinhos daquele

<sup>1</sup> Excerto das comunicações apresentadas em Powerpoint ao III Congresso Internacional de História da Arte, no Porto, ao Cinquentenário da E. S. E. Q., (antigo Liceu Nacional) em 2002, e, em 2004 na efeméride do Centenário desta Instituição; em 2006 foram apresentadas comunicações do trabalho final nas instituições seguintes: Biblioteca Pública de Braga; Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (civil); Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; sob o título 100 ANOS DE LICEU “AS MENTALIDADES NA ARTE DO ESTADO NOVO EM PORTUGAL, DE SALAZAR – A ARQUITECTURA ESCOLAR E O URBANISMO DO “IMPÉRIO” – Como um dos reflexos ideológicos no quadro programático urbanístico e de construções do Ministério de Obras Públicas e de Comunicações – Paralelismos e influências

<sup>2</sup> Arq. da Esc. Sec. Eça de Queirós, “Auto de entrega e cessão do edifício do Liceu da Póvoa de Varzim.”

<sup>3</sup> FERRO, António – O Engenheiro Duarte Pacheco, “A sua alma continuará a viver na marcha triunfal da sua obra”

<sup>4</sup> Ministério das Obras Públicas, Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário. Projecto do Liceu de Eça de Queiroz, Póvoa de Varzim. Memória descritiva e Justificativa.



Fig. 1- Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário, Projecto do Liceu Eça de Queiroz- Póvoa de Varzim



Fig. 2- Edifício da Câmara inaugurado em 28 de Dezembro de 1807 onde esteve instalado o Liceu da Póvoa de Varzim (1904-1912). A frontaria com arcada é do eng. Francês Reinaldo Oudinot, (lembra o neopalladianismo inglês, algo da Lisboa pombalina, no seu cartesianismo, iluminismo, racionalismo). Em 1908-10, Rocha Peixoto e Joseph Bialmau acrescentaram-lhe a torre e o azulejamento interior e exterior.



Fig. 3- A foto mostra parte do que resta de um conjunto de imóveis do antigo Colégio de Nossa Senhora da Conceição, da sociedade de Santa Doroteia, cujos edifícios haviam sido expropriados nos começos da República. O Liceu, que dera os seus primeiros passos na Câmara, esteve aqui instalado entre 1912-1914. Continuará a sua “peregrinação” pelos edifícios seguintes, da cidade da Póvoa de Varzim



Fig. 4- Colégio Povoense, na Av. Mouzinho de Albuquerque, de 1914 a 1916. (mistura de estilos a lembrar o romantismo)



Fig. 5- Na casa Silveira Campos, 1916/1925 (edifício na linha da casa portuguesa, de Raul Lino?)



Fig. 6- Na antiga fábrica de gás, onde o liceu esteve instalado, 1925-1952

estabelecimento de ensino<sup>5</sup>. O edifício era de construção pobre<sup>6</sup>, estava mal conservado e não tinha área de construção nem características apropriadas para instalações de um liceu.

Por isso, no plano de obras aprovado pelo Decreto n.º 28604 de 21 de Abril de 1938, não se faz referência ao liceu da Póvoa porque nessa data havia dúvidas se o mesmo se manteria.

Assim continuará até que em 24 de Novembro de 1945 fora publicado o Decreto n.º 35201, onde constavam as verbas fixadas no programa das novas construções e melhoramentos de edifícios liceais, então aprovado pelo Decreto-lei n.º 28604 de 21 de Abril de 1938, sendo reforçadas com 5.000.000\$00 para o novo Liceu de Eça de Queiroz, na Póvoa de Varzim, “pronto a funcionar”<sup>7</sup>.

Como se verifica do subtítulo, a nossa comunicação centrar-se-á ao redor e na irradiação do acervo físico e histórico do liceu (uma das muitas obras emblemáticas do Estado Novo), ora no seu cinquentenário.

A documentação foi coligida nos arquivos da ESEQ, do ME, MOP, DGAE, Gulbenkian, e biblioteca da FCSH, (cito as instituições que nos facultaram o acesso às fontes secundárias que consideramos mais importantes). Nos cadernos de encargos dos projectos das primeira e segunda fábricas, respectivamente entre 47/52 e a partir de 57 início dos trabalhos de ampliação, executados como se verifica no tempo de alguns anos, encontramos quatro homens da Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário, envolvidos no projecto e na construção do Liceu. O arquitecto António José Pedro<sup>8</sup>, o técnico de desenho, escultor e arquitecto Tavela de Sousa<sup>9</sup> e o engenheiro electrotécnico A. Monteiro<sup>10</sup>. Surgindo como responsável destacado das várias fases do projecto o eng.º José Maria da Piedade Lancastre e Távora<sup>11</sup>.

Para o período que nos interessa, sabemos que os projectos levados a cabo pelos organismos da área das obras públicas e comunicações do Estado Novo, se estenderam no tempo mais ou menos entre os princí-

---

<sup>5</sup> Idem

<sup>6</sup> São constantes as missivas trocadas com o Ministério da Educação Nacional, relativas ao estado do edifício, independentemente dos estragos causados pelo ciclone de Fevereiro de 1941.

<sup>7</sup> Ministério das Obras Públicas, Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário. Projecto do Liceu de Eça de Queirós Póvoa de Varzim. Memória descritiva e Justificativa.

<sup>8</sup> Também é autor do projecto da Escola Comercial e Industrial da Póvoa de Varzim, como das de Gaia, Coimbra, Leiria, Covilhã, etc.

<sup>9</sup> O desenhador do equipamento do Liceu da Póvoa, e de muitos dos outros que então se construíram pelo País, da responsabilidade da Junta.

<sup>10</sup> Engenheiro, responsável pelo projecto de instalação eléctrica do edifício.

<sup>11</sup> Marquês de Abrantes, 1892-1963, parente do Arquitecto Fernando Távora, da “escola” do Porto.

pios das décadas de 30 e 60, sendo poucos porque não havia muitos, chamados a colaborar nos planos de construção e obras, os arquitectos estavam sujeitos às regras impostas pelos programas. Até porque naquele período os trabalhos de projecto dedicados à província, (para o então “regime” não menos importantes que os destinados às metrópoles de Lisboa e Porto) eram, em grande parte, executados em Lisboa, de “risco” conjunto ou aparentemente conjunto<sup>12</sup>, da responsabilidade de técnicos e engenheiros sob a alçada da Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário, e de Obras Públicas, que como já dissemos ditava as orientações do seu programa, de tal funcionalismo qual ordem eclesiástica da Alta Idade Média não o faria melhor.

Assim, nas décadas de 40 e 50 do Estado Novo, a maioria dos arquitectos entrara na política das construções escolares, também aí, ora subordinados aos programas da Junta. O que quer dizer que durante aquele período, só (em datas históricas, diríamos em situações pontuais, as que o regime calculava serem de maior interesse político na sua propaganda destinada ao ensino), aos que aquele considerava os melhores, fora concedida maior autonomia criativa, relativamente à Junta. Particularmente, até 1943 e daqui por diante, respectivamente, quantas vezes nas ajudas do influente Duarte Pacheco<sup>13</sup>, e do responsável técnico daquele organismo, Piedade Lancastre e Távora, aos quais, (muito poucos) terão ficado eternamente em dívida por terem visto finalmente a sua obra reconhecida.

Retomamos a linha principal do nosso tema, o aniversário dos 50 anos do Liceu, para falarmos da sua arquitectura, da sua construção à luz dos programas<sup>14</sup> do Estado Novo. No que estes determinaram, se assim aconteceu do ponto de vista estético e ideológico, formal e pragmático da construção e da arquitectura, e do seu urbanismo envolvente. Bem como de

---

<sup>12</sup> Por vezes os estudos de arquitectura e engenharia foram realizados nos gabinetes de engenheiros, arquitectos e dos demais técnicos, com a autorização devida e sobre a alçada da Junta, sempre atenta e presente na fiscalização da apreciação final desses projectos.

<sup>13</sup> Fernando Távora, entrevista conduzida por nós, no período do Mestrado em 1982. Diz o entrevistado, que em certa altura, reunidos alguns técnicos e arquitectos (para apresentação dos trabalhos) com o Ministro das Obras Públicas, como era seu hábito, este pediu uma lapiseira (para “riscar”) a um dos técnicos presentes. Antecipando-se a todos, Carlos Ramos (arquitecto formado pela ESBAL em 20 e Prof. na ESBAP em 40, passando a seu director em 52, e Membro do Conselho Superior de Obras Públicas), entregara-lhe a sua mas com a mina partida. Faça-nha conseguida no momento em que aquele arquitecto a passava para a mão do Ministro. Sem que este se apercebesse, disfarçadamente, a levava à boca quebrando-lhe a carga com um golpe de dentes, entregando-a depois, impossibilitando, (para gáudio dos restantes técnicos que não viam isso com bons olhos), o Duarte Pacheco de a utilizar. Gesto a que este respondera com um sorriso: “O arquitecto está preparado”. O Duarte Pacheco, “tinha a mania de riscar sobre os desenhos dos arquitectos, mas era nosso amigo”.

<sup>14</sup> Em 1943 publicava-se, pela mão de Duarte Pacheco, com novas alterações o “Programa Geral para a Elaboração dos Projectos dos Liceus.

outras construções – algumas destas obras contemporâneas do Liceu<sup>15</sup> Eça de Queirós, no grupo que marca um grande período nas obras públicas e comunicações, no panorama cultural português – influenciado que foi pela obra da dupla Duarte Pacheco e António Ferro, durante a vigência do antigo regime<sup>16</sup>.

Podemos afirmar com alguma segurança que a maioria dos projectos sujeitos aos novos programas foi acontecendo ao longo de mais de três décadas. Tendo o regime prestado homenagem na de quarenta (a década emblemática dos centenários), àqueles que fizeram parte dos períodos de notável esplendor na história do “Império”. Mas, também, de certa maneira se estendera a homenagem a todos os outros que na criação artística do país contemporâneo continuam, ainda hoje, sendo para todos nós, uma referência nas artes e nas letras. Não obstante os anos 30 do século passado foram de estabelecimento e consolidação de um regime que se auto-proclamou “Estado Novo”, promoveu uma política de regeneração, fundado numa organização corporativa da sociedade e da economia e numa ideologia que negava a conflitualidade social.



**Fig. 7-** Edifício actual da Escola Secundária Eça de Queirós, antigo Liceu Nacional e, mais tarde, Eça de Queirós, inaugurado em Outubro de 1952. (Repare-se como a “engenharia” do Estado Novo recupera para muitos dos seus edifícios escolares o claustro, bem como a orientação e distribuição do edifício no plano, trazidos, provavelmente pelos mesmos motivos das engenharias monásticas e militares, ideológicos e estéticos?)

A Constituição de 1933, o estatuto corporativo do trabalho, a formação da PVDE/PIDE e a fundação de partido único com proibição de outros, em 35, bem como a criação de milícias de modelo nazi e fascista, em 36, o mesmo ano do início da guerra civil espanhola com intervenção portuguesa<sup>17</sup>, são por si só motivos que bastam para questionar o valor estético do muito que se fez na engenharia e obras públicas e nas artes plásticas do século passado, que a história da arte pode testemunhar, que em sendo contemporânea, quase sempre consegue (ao invés de outras) a vantagem de ter muitas das fontes principais à vista, como no caso, acontece com a Escola aniversariante.

Em 1943 não pôde a Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário deixar de prestar, no seu boletim, a mais sentida homenagem à memória do engenheiro Duarte Pacheco, que criou aquele organismo, que o guiou nos primeiros passos, que lhe formou a estrutura e que lhe deu as directrizes de trabalho, sendo principalmente a ele devida toda a obra da Junta, quer executada quer projectada<sup>18</sup>, para todo o território do “Império”. Podendo concluir-se dos vários testemunhos, que a mesma, sob a orientação do ministro, terá influenciado muito do que se produziu

---

<sup>15</sup> Não raras as designações de Liceu Eça de Queirós e Liceu da Póvoa de Varzim, aparecem alternadas em documentos de 1947, relacionando já parte do edifício novo construído

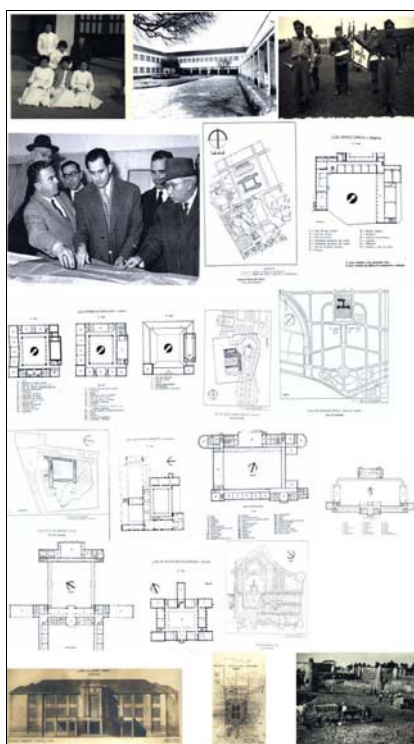
<sup>16</sup> Em Março de 1938, uma nota oficiosa da Presidência do Conselho, minuciosamente redigida por Oliveira Salazar, definiu “o facto nacional das comemorações” do duplo centenário da pátria. O regime do Estado Novo estava em franca ascensão”, José-Augusto França, in Catálogo “Os Anos 40 na Arte Portuguesa”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982, vol. 1, p. 23

<sup>17</sup> Idem

<sup>18</sup> Boletim do Ministério das Obras Públicas e Comunicações Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário. RELATÓRIO dos Trabalhos, s/d.

na arte das obras públicas da arquitectura e da engenharia, provocando um animado enfoque cultural, não só nos do seu tempo mas naqueles que para além dele continuaram, depois do seu desaparecimento trágico<sup>19</sup> em Outubro de 1943.

Apresentamos alguns registos iconográficos que fazem parte da apresentação em Powerpoint da comemoração do centenário da Instituição do Liceu Eça de Queirós. “Paralelismos e influências”



<sup>19</sup> A propósito, registamos anotando a propaganda ideológica, já por nós referida em algumas expressões incendiadas, apaixonadas outras, aquando da morte do então Ministro das Obras Públicas do Estado Novo. Do Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, na Assembleia Nacional em 25 de Novembro de 1943: “Se a morte escolhesse atitudes, diríamos que no caso presente caprichara em fixar aquela que melhor traduzisse uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio. Podia o Ministro ter morrido na função, envelhecido precocemente, na ânsia e no afã de quem pressente faltarlhe o tempo para realizar o pensamento de reconstrução e renovação que o regime encarnou em Portugal”, in Revista “A Arquitectura Portuguesa”, Nov., 1943, p. 26; No “DOSSIER” PACHECO – NOS 40 ANOS DA SUA MORTE, in Arquitectura, n.º. 151, 1983, p. 23, se escrevera: “Foi em Outubro de 1943 que morreu, em acidente automobilístico, o célebre ministro das Obras Públicas de Salazar. Passados que são quarenta anos sobre o facto, fazemos da efeméride pretexto para uma reflexão dupla: por um lado, sobre a sua personalidade, nunca mais desligada (e ainda em vida) de mitos e lendas contraditórios (vindos quer de opositores quer de antigos colaboradores); por outro, sobre a política urbana, da sua época até a tempos mais recentes (que curiosamente detém ainda forte marca da sua acção, apesar das grandes mudanças estruturais havidas)”.



Rui Baptista

Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, na Universidade de Santiago